

## **Por que estudar comunidade é importante para compreender a comunicação?**<sup>1</sup>

Dérika Correia Virgulino de MEDEIROS<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

O objetivo desse texto é refletir sobre a necessidade de repensar a comunicação por um viés mais humano, a partir da abertura para um plano sensível, que priorize uma melhor convivência entre os indivíduos. Para tanto, levantamos a proposta de que o vínculo comunitário, entendido sob uma perspectiva filosófica, seja um objeto da comunicação. Com isso, desejamos estimular a reflexão sobre a possibilidade de mudança do papel da comunicação na contemporaneidade, cada vez mais atrelada aos interesses do mercado global, e “vislumbrada” com os aparatos tecnológicos que mais distanciam do que, de fato, aproximam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; comunidade; dimensão sensível; vínculo comunitário; relação.

### **Introdução**

À medida que se cria um novo aparato tecnológico que facilita à troca de informação entre os indivíduos, tem-se a sensação que estamos cada vez mais distantes uns dos outros. E isso, apesar de parecer um contrasenso, ocorre porque o processo em que se insere a evolução dos instrumentos de comunicação segue a lógica dos interesses econômicos e globais de controle social. Isto é, quanto mais distantes as pessoas se encontram umas das outras, menor é seu poder de coletividade e de ação, mas, sobretudo, é ainda menor, o risco oferecido ao sistema.

É nesse contexto onde surge o que vem sendo denominada de uma “nova economia”, baseada na aliança entre o controle político-econômico e o controle dos sentidos dos indivíduos. E é dentro desse modelo que a comunicação entra como principal propulsor, atraindo por meio do excesso de imagens, da facilidade e desregulamentação no ciberespaço, e de uma linguagem cada vez mais emotiva, o espectador para dentro do universo de consumo, ocasionado a perda da sua individualidade e subjetividade, os tornando mais dóceis frente aos desmandos da globalização.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - ECOPós, email: [derikav@gmail.com](mailto:derikav@gmail.com).

Assim, como forma de conter o avanço dessa forma de estrutura social, é que se apresenta necessário uma concepção de comunicação mais humana e menos tecnicista, capaz de atuar naquilo que deveria ser o seu principal fundamento: a promoção da relação entre os indivíduos. Um relacionar-se que, aqui, se refere a uma relação vinculativa, que pressupõe o sair de si mesmo, em direção a um *Outro*.

Relação essa que não requer apenas abertura de concessões a esse outro, mas antes, a entrega mais profunda capaz de unir os indivíduos em um comum, em um vínculo comunitário. É a partir dessa apreensão, que os dois termos, comunicação e comunidade se entrelaçam e passam a caminhar juntos, numa perfeita interdependência.

A ideia de vínculo comunitário parte da filosofia, e ganha amplitude com os filósofos comunitaristas. A concepção de comunidade sob o viés desse campo do conhecimento, revela um desligamento da ideia de substancialização e unidade, tão comum no âmbito sociológico, e tão disseminado – na maior parte das vezes de forma indiscriminada – por vários setores da sociedade, incluindo a mídia tradicional, partindo assim para o entendimento de comunidade como pura experiência.

Sob o olhar de comunitaristas como Jean-Luc Nancy, por exemplo, o vínculo comunitário, “literalmente (...) vincula as externalidades, trazendo à luz o fato de que o fundo das coisas não é constituído de uma substância, mas de uma abertura originária” (YAMAMOTO, 2009, p. 10). Isso significa dizer que como o sujeito é antes um nada, sem essência, o vínculo promoveria o que Nancy chama de um “nada-em-comum”, o que certamente inauguraria uma nova situação, que não há possibilidade de inferir o que é, ou seja, que seria um “puro devir”.

E é exatamente um “puro devir”, algo inesperado, que surge de um processo comunicacional, fundamento esse defendido por autores como Ciro Marcondes Filho. Para o autor, comunicação é a relação entre dois participantes, que gera sempre uma terceira coisa, que não corresponde a nenhuma dos anteriores, isto é, algo novo. Isso revela a hipótese de que a comunicação sob essa perspectiva, assim como comunidade, pode ser compreendida como pura abertura, como pura experiência. Daí o embricamento fundamental entres essas duas concepções.

Portanto, essa perspectiva do cultivo das possibilidades sensíveis aplicadas ao campo comunicacional, figura-se necessária como uma forma de buscar a emancipação das formas de controle mercadológico e ideológico. (SODRÉ, 2006). Para tanto, à medida que se

estimula a relação, o vínculo e o convívio entre as pessoas, maior é o passo dado em direção à construção da liberdade humana.

### **Dimensão sensível e a possibilidade emancipatória**

Não é de hoje que a dimensão sensível é aplicada nos mais diversos campos sociais para a sedução e o convencimento. Foi assim com governos para por em prática o objetivo de aglutinar multidões em torno de determinada forma de governabilidade, como foi o caso do nazismo, fascismo e do próprio comunismo, ou até mesmo em realidades mais próximas de nós, como na “Era Vargas”<sup>3</sup>, em que o uso de uma linguagem mais emotiva da propaganda política, ganhou peso nas políticas populares da década de 30 no Brasil.

Mais recentemente, o uso desse tipo de estratégia não só permaneceu, como se intensificou. “Parece que é justamente no plano do sentir que nossa época exerceu seu poder”, destaca Muniz Sodré (2006, p.11), referindo-se Mario Perniola<sup>4</sup>. O desenvolvimento tecnológico marcado pelas experiências sensoriais, os planos de governo voltados para ações de solidariedade, o cultivo das possibilidades comunicativas baseadas na lógica da emoção, são exemplos de que cada vez mais, o plano emocional, afetivo, e das relações sensíveis ganham fortes contornos na contemporaneidade.

Com efeito, parece emergir do campo político e social uma nova forma de economia, em que se privilegia o estímulo ao desejo e da conquista da sensibilidade como estratégia de controle social. Em um sistema mercadológico, o que importa são as construções de necessidades, e a criação de possibilidades para a sua satisfação.

Principal responsável pela sedução de potenciais consumidores, a “mídia espetáculo”, se especializa a cada dia na produção de sentido, na emoção fácil e na docilidade do espectador. Não são apenas os programas de auditório, ou os romances televisionados que privilegiam o emocional, os telejornais também mergulham nessa onda, e produzem material jornalístico com a cara de novela “das nove”<sup>5</sup>.

Um dos efeitos dessa forma de manejar a indústria do espetáculo, é o deslocamento da possibilidade de indignação e da conseqüente potencialidade de ação transformadora, para a sensibilização e ação de solidariedade. Esta última forma de encarar os problemas

---

<sup>3</sup> Nome dado ao período governado pelo presidente Getúlio Vargas entre 1930 e 1945.

<sup>4</sup> Filósofo italiano

<sup>5</sup> Termo utilizado para se referir a telenovela da Rede Globo, exibido no horário das 21h.

estruturais da sociedade, dentre outros fatores, favorece a desmobilização das atividades coletivas em torno de reais mudanças.

Assim, a sociedade atual avança sob o modelo do controle social. O que correspondia antes à forma disciplinar<sup>6</sup> de manutenção da ordem, hoje, se instala no psiquismo dos indivíduos, com ênfase no plano sensível. Nisso, a figura da comunicação ganha poder de destaque, pois, em tal regime, as relações sociais são mediadas, principalmente, pelas imagens. Jacques Lacan<sup>7</sup>, antecipou-se em preocupar-se com o desenvolvimento, na segunda metade do século XX, dos “meios de agir sobre o psiquismo através de uma manipulação combinada de imagens e paixões”. (BUCCI e KEHL, 2004, p. 46).

Entretanto, por outro lado, a dimensão do sensível, como sustenta Muniz Sodré, também é capaz de responder a uma possibilidade emancipadora da sociedade. “Trata-se de reconhecer a potência emancipatória contida na ilusão, na emoção do riso e no sentimento da ironia, mas também na imaginação” (SODRÉ, 2006, p. 38)

Por longo tempo, a razão e a dimensão objetiva prevaleceram como sistema de sustentação societária. No ocidente, sobretudo, a separação entre razão e o plano da sensibilidade, ganhavam fronteiras bem definidas. Contudo, com um olhar mais atento, é possível notar que grandes pensamentos da história, a exemplo do próprio Marxismo, a dimensão do sensível, com destaque para o afeto, constituíam parte de seus principais fundamentos, neste caso, o plano das relações humanas com base na compreensão e solidariedade ganhava relevo.

Não raro, porém, a própria razão emerge do afeto (...) é o convencimento, a persuasão, a sedução, ou qualquer outro nome dado a isso, que preside a racionalidade. O afeto vem primeiro e induz à arquitetura racionalista. (SODRÉ, 2006, p. 41).

O pensador Martin Heidegger, já afirmava que o afeto representava a compreensão originária do mundo, difundindo, a partir disso, uma perspectiva teórica em que se privilegiasse a dimensão afetiva e emocional. Com efeito, encarar tais instâncias com razoabilidade, implica em uma estratégia de aproximação das diferenças e da multiplicidade de causas. “A diversidade no modo de sentir, lançam o humano numa imediatez múltipla, onde os julgamentos tendem a ser mais estéticos que morais”. (SODRÉ, 2006, p. 10).

---

<sup>6</sup> Ver obra de Michel Foucault

<sup>7</sup> Psicanalista francês.

Até mesmo Hume<sup>8</sup>, que apesar de ter sido um ideólogo do iluminismo e propor que a investigação sobre a compreensão humana devesse se afastar da noção do suprasensível, por considerá-lo como “esforços estéreis da vaidade humana”, defendia também a dimensão da experiência. O filósofo “renegando valor de verdade ao entendimento e à razão em si mesmos, advoga, com os epicuristas, que somente a partir das impressões sensíveis pode-se construir o conhecimento”, (MARCONDES, FILHO, 2010, p. 31).

É também em favor da presença de uma dimensão sensível na construção do conhecimento e de uma nova sociologia, que o sociólogo, Michel Maffesoli, idealiza o que ele denomina de *sociologia compreensiva*. Uma concepção de sociologia, como ele mesmo afirma, do “lado de dentro”. É aquela que admite a possibilidade de uma sensibilidade relativa ao processo de conhecimento da realidade social, em que se privilegia não mais um saber científico absoluto, mas justamente um projeto intuitivo, atento a pesquisa estética. “[...] a sociologia *também* tem a ver com a paixão, com o não-lógico, com o imaginário – que estruturam, igualmente a atividade humana de que todos somos atores e observadores” (MAFFESOLI, 2007, p. 61).

### **Comunicação a caminho da relação**

O impulso em direção a esse caminho de horizonte sensível, se revela com grande importância frente à forma de existência das atuais sociedades, envoltas pelas aceleradas mudanças tecnológicas e pela forte presença dos seus efeitos no cotidiano dos indivíduos. Época essa em que tudo está em interação mediada por imagens, onde todo o mundo vê tudo, com visões que se entrecrocaram, e onde as diferenças se mostram cada vez mais notórias. É nesse ambiente onde emergem novas possibilidades de relações humanas, de organização dos meios de produção e de reinterpretação do campo comunicacional.

Abrem-se, então, portas para uma maior noção de compreensão, e de uma “Nova cidade humana”<sup>9</sup> erguida sobre planos afetivos, ambos, inevitavelmente, atravessados pela comunicação. É daí onde surge a emergência de um olhar mais expandido sobre a epistemologia comunicacional, diante da euforia informativa e da hegemonia do mercado nesta área. A onipresença das tecnologias e a saturação da informação não tornam a comunicação mais fácil, nem resolve suas aporias.

---

<sup>8</sup> Filósofo escocês.

<sup>9</sup> Ver Muniz Sodré, 2006

Ao contrário, no excesso de informação algo parece esvaecer. Ao invés de comunicação, surge uma espécie de incomunicação, onde os indivíduos compreendem cada vez menos uns aos outros e a realidade ao seu redor. Essa quase esquizofrenia em torno da circulação informativa, resultou no inesperado: o fato de a comunicação se tornar um efeito cada vez mais incomum. Não é a toa que Dominique Wolton (2010) ressalta que, enquanto o século XX foi marcado pela informação ao alcance de todos, o século XXI, deverá ser o da busca pela compreensão e, principalmente, da convivência diante de uma “sociedade cultural”<sup>10</sup> onde as diferenças estão em constante interação.

Isso significa que um dos grandes desafios da atualidade se encontra não mais na difusão de um maior número possível de informação, mas na comunicação. Para tanto, cabe nesse contexto, a necessidade de distinguir os dois termos que, apesar de estarem em perfeita dependência, pois, não existe comunicação sem informação, não são sinônimos. A comunicação impõe uma relação com um outro, ou seja, ela é sempre mais complexa. Já a informação se refere à mensagem em si.

Assim, é possível ponderar que comunicar é conviver, sobretudo, a partir de constantes negociações entre contraditórios. Afinal, é o problema da convivência que se impõe com força nos dias atuais. E são os processos comunicativos que contribuem para estruturar as inúmeras possibilidades de interação e criação de um espaço público baseado no vínculo social.

No entanto, na atual lógica da comunicação, o que ocorre na realidade é uma inversão de sentido. Com a primazia da informação sobre a comunicação, o que se estabelece com frequência é a ruptura, a individualização, a perda dos laços entre os indivíduos, em detrimento do relacionar-se e do traço vinculativo.

Para o sociólogo, Ciro Marcondes Filho (2010), as atuais formas de relacionamento funcionam contrários ao que ele entende por reais processos de comunicação:

Grandes sistemas sociais (rádio, televisões, jornais, revistas, divulgação pública e comercial), difundem mensagens diversas, mas não comunicam. (...) As formas modernas de contato entre pessoas, as imagens de cada um que podem ser veiculadas pela Internet, os telefones celulares, as câmaras que capacitam qualquer um a fazer um filme sugerem que as pessoas assim aproximem-se mais, conheçam-se mais. Mas eles iludem. É difícil fazer compartilhar um sentimento, uma preocupação, uma dor. Mais difícil ainda, senão impossível, é trazê-lo para dentro de nós (MARCONDES, FILHO, 2010, p. 98).

---

<sup>10</sup> Ver Muniz Sodré, 2006.

Também é necessário frisar que apesar de a Internet ser um importante instrumento de liberdade e acesso à informação, ela não está longe das amarras do mercado, ou ainda, ela está adaptada às estratégias de globalização. Além disso, como bem alerta Wolton (2010), quanto maior é a facilidade de interações realizadas via ciberespaço, maior é a vontade dos indivíduos de promoverem encontros face a face. Afinal, “somos seres sociais, não seres de informação”<sup>11</sup>.

Não é por outro motivo que o que os internautas mais procuram é travar relações, encontros e vínculos. Por isso que, mais do que em qualquer outro momento da história, o horizonte que se busca está no *Outro*. Esse é o projeto comunicacional que se espera. Que se privilegie o encontro. E não um encontro de iguais, pois isso não representa um exercício de convivência como propõe essa nova perspectiva, mas antes, a convivência com a diversidade, com o diferente.

Um modelo de convivência entre os indivíduos vai além do espectro comunicacional. Ele atinge relações entre grupos sociais, sociedades e nações. O ressurgimento de velhas ideologias de segregação, em países do oriente, Europa e nas mais diferentes regiões do Brasil, explica a urgência de se por em relevo tal proposta. Afinal, conviver requer o reconhecimento à pluralidade e o respeito a esse outro. Conviver é, nesse aspecto, estabelecer um princípio comum, de comunidade.

Invocar a noção de comunidade dá margem à dimensão coletiva e de vinculação das relações humanas e da comunicação. É uma forma de visualizar a comunicação enquanto “ser em comum”. Para Muniz Sodré, é possível vislumbrar uma dimensão mais compreensiva da comunicação, com vistas no sentimento de comunidade. “Assim, a comunidade, enquanto ideia originária da diferenciação e da aproximação, é a questão subsumida no conceito de comunicação” (SODRÉ, 2006, p. 93).

Assim, é a força vinculativa que une os preceitos de comunicação e comunidade. Para Muniz Sodré (2007):

[...] a multiplicidade dos fenômenos comunicativos converge reflexivamente para uma identificação teórica da comunicação com o «vínculo» intersubjetivo, seja no nível das operações discursivas para a produção de sentido, seja no nível das formações sociais de controle e gestão do vínculo pelo discurso, como as desenvolvidas no âmbito da mediatização (SODRÉ, 2007, p.20).

---

<sup>11</sup> Dominique Wolton, 2010, p. 34

## Comunidade como um círculo

O vínculo inaugura um novo olhar sobre esses dois conceitos, mas, sobretudo, acerca da compreensão de comunidade na contemporaneidade. Muito tem se falado do termo nos mais diversos campos sociais, mas pouco tem se desmistificado alguns de seus fundamentos mais caducos, como é o caso do seu caráter de substância, ideologia, ou até mesmo de demarcação territorial. A possibilidade vinculativa entre os indivíduos é algo praticamente desprezado nas concepções e usos do termo, em detrimento do seu aspecto mais sociológico<sup>12</sup>. Essa forma de pensar a comunidade tem demonstrado problemas de inadequação à realidade história altamente dinâmica e complexa.

O uso indiscriminado do termo não apenas nos discursos da mídia, mas também nos círculos dos debates de políticas públicas, nas universidades, ou em áreas do conhecimento como a comunicação, a sociologia, a psicologia ou ainda a área de educação, sem a devida problematização, tem provocado algumas distorções e até mesmo a aversão de alguns estudiosos à possibilidade comunitária.

É o que podemos notar, por exemplo, nos escritos do próprio Dominique Wolton, defensor dessa nova perspectiva sobre a comunicação. Para o autor, a noção de comunidade está atrelada ao aspecto de homogeneização, o que caracterizaria um ambiente fechado às diversidades. A maior preocupação de Wolton, inclusive, é que a comunicação não se envie por duas das ideologias que, em sua concepção, a ameaçam: “o *individualismo*, ou seja, a redução da comunicação à expressão e à interatividade, e o *comunitarismo*, isto é, a marginalização da questão da alteridade e a possibilidade do encerramento em espaços virtuais” (WOLTON, 2010, p. 24).

Apesar de sustentar que a comunicação esteja associada à ideia de vínculo, o que Wolton acredita ser problemático é que essas perspectivas sejam associadas à noção do que ele entende por comunitarismo, isto é, um lugar de confinamento, onde as pessoas estão enclausuradas dentro de uma vida unitária. Para o autor ainda, essa forma de associação humana é perfeitamente compatível com o sistema de informação global, que conecta apenas grupos de semelhantes, uma espécie de “agrupamento do mesmo”<sup>13</sup>, dificultando, por sua vez, o trabalho de convivência e tolerância.

<sup>12</sup> Refere-se à sociologia clássica.

<sup>13</sup> Ver Dominique Wolton, 2010.



Com isso, o autor entende que o ideal seria a possibilidade de sociedade, no entanto, para além da noção de conexão em rede. “A sociedade em rede remete ao individualismo e ao comunitarismo, desviando-se do modelo mais complicado de alteridade e da sociedade”. (WOLTON, 2010, p. 47). Para ele, a convivência como um horizonte da comunicação, está mais relacionado ao ideal de uma sociedade capaz de reunir interesses, visões e modos de vida diferentes do que com comunidade.

Pensamento pessimista sobre a perspectiva comunitária também é desenvolvido pelo sociólogo Zygmunt Bauman. Em sua obra “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual”, o autor lança a denominação de “comunidades-cabide” ou estéticas. Estas, seriam ambientes onde os indivíduos cada vez mais vulneráveis e desraigados de suas relações uns com os outros, devido ao individualismo exacerbado, procurariam pendurar suas inseguranças, medos e ansiedades, junto a outros indivíduos também amedrontados e ansiosos.

Entretanto, este tipo de formação comunitária além de frágil, não seria permanente. A união dos contemporâneos em torno das comunidades-cabide, como o próprio nome sugere, ocorre motivada por um evento ou “problemas” momentâneos (cabides) que produzem a reunião de pessoas, mas que logo se esvaem quando outro evento ou outro problema surge. Assim, “qualquer que seja o foco, a característica comum das comunidades estéticas é a natureza superficial, perfunctória e transitória dos laços que surgem entre seus participantes. Os laços são descartáveis e pouco duradouros” (BAUMAN, 2003, p. 67).

A vivência dessa comunidade de fácil desintegração caberia àqueles que podem escolher trocar de identidades quando lhes convier. Não por acaso, Eric Hobsbawm<sup>14</sup> citado por Bauman (2003), observa que o colapso da comunidade acontece para que a identidade seja inventada. Identidade essa substituída por outras, como roupas penduradas em cabides. É assim que esta se torna, para o autor, uma espécie de substitutivo da comunidade na atualidade. Compreensão essa que infere comunidade como identidade descartável.

Por outro lado, para aqueles a quem não foi dado o direito de escolher que identidade vestir quando for conveniente aos seus interesses, caberá apenas o confinamento em “comunidade”, bairros, ou até mesmo em grupos dos “diferentes”. Estes, “não tem o direito de manifestar as suas preferências e no final se vêm oprimidos por identidades aplicadas e impostas *por outros* – identidades que até eles se ressentem, mas que não têm permissão de abandonar, (...) que estigmatizam” (BAUMAN, 2005, p. 44).

---

<sup>14</sup> Historiador de nacionalidade britânica

Neste último caso, comunidade acaba funcionando normalmente a partir de uma delimitação territorial, em que seus ocupantes se vêem segregados do jogo das possibilidades do troca-troca de indenidades, da participação no sistema capitalista conectado por rede, ganhando assim, a sina de “povo” (o que substancializa a ideia de comunidade) por estarem a margem do mundo globalizado.

Muitos desses indivíduos impelidos ao enclausuramento nessas “comunidades” entram em disputas por uma melhor condição de vida e questão de justiça social. Opõe-se a outro grupo ou a estrutura do Estado, prontos para travar uma luta (legítima) em prol de interesses comuns. Porém, para Bauman (2003), nem mesmo essa forma de união escapa da fluidez do mundo contemporâneo, o que faz de suas reivindicações questões pontuais, e até, muitas vezes, cercada por preceitos individualistas. Para o autor, contudo, no atual mundo líquido, nem essas tidas comunidades de fato, são capazes de se sustentarem por muito tempo.

### **Comunidade como abertura**

Todavia, ambos os autores trabalham com uma ideia de comunidade sob uma ótica sociológica, isto é, como algo mais próximo da ideia de unidade, de sujeito coletivo, ou de uma reunião de indivíduos. Algo relacionado a um destino comum, o que pressupõe uma substancialidade. No entanto, a noção de comunidade vem ganhando outras perspectivas que a aproxima mais de um debate filosófico, trazendo a discussão para perto de um horizonte vinculativo, em que sujeitos individuais são perpassados por um laço que os impele para a relação.

E é exatamente sob esse viés que as noções de comunidade se aproximam da perspectiva comunicacional trabalhada ao longo deste artigo, isto é, com um direcionamento apontado para uma comunicação mais humana. Isso porque põe em relevo não só a relação e vinculação com um *outro*, mas, sobretudo, com o deixar-se vincular. Esta última ressalva, traz à tona a ideia de abandono, do ser voltado totalmente para fora, em completa relação (YAMAMOTO, 2009).

A ideia de pura relação com esse outro, ou do perder-se em um outro, está presente no pensamento de alguns filósofos denominados comunitaristas, a respeito de Jean-Luc Nancy. Em sua obra “A comunidade Inoperante”, o filósofo lança a proposta do nada-em-comum, isto é, a de que nós nascemos sem essência, no completo vazio, e que criamos

nossa existência em cima disso. Esse olhar sobre a existência humana, afasta a ideia do “ser-comum” presente na noção de comunidade pensada como uma substância.

É nesse sentido que comunidade pode ser encarada como pura abertura, ou seja, como pura existência. Daí o nome “inoperante”. Este resulta da ideia de que não há um fim, de que ela (a comunidade) não deve existir com o objetivo de alcançar sua completude, pois isso resultaria em seu fechamento e confinamento dentro de uma essência, limitando, com isso, a possibilidade da vivência como uma experiência.

A partir desse raciocínio, Nancy (2000) estabelece a percepção de que comunidade não pode ser representada por nenhuma identidade que revele um “ser-comum”, mas que ela seja a própria relação (o “ser-em-comum”, ou um “ser-com”). E isso não é alguma coisa, é simplesmente um nada. E um nada não pode ser delimitado, definido.

Proposição semelhante sugere o também comunitarista, Giorgio Agamben, citado por Yamamoto (2009), em sua obra “A comunidade que vem”:

Essa comunidade sem essência, sem identidade própria, é aquela que porta o indivíduo também sem essência ou identidade (nacional, étnica, religiosa, política), o indivíduo em sua “vida nua” – o homo sacer. A comunidade que vem, diz, é aquela que, em sua singularidade, opõe-se totalmente ao Estado (YAMAMOTO, 2009, p. 9).

E é essa ideia do “ser virgem”, do “nada-em-comum” levantado por esses filósofos comunitaristas, que é resgatada por estudiosos da comunicação, sobretudo, pelos defensores dessa nova perspectiva comunicacional. Georges Bataille<sup>15</sup>, por exemplo, diz: “A comunicação ocorre somente entre dois seres colocados em jogo – dilacerados, suspensos, inclinados ambos sobre o seu nada” (YAMAMOTO, 2009, p. 9).

Para Ciro Marcondes Filho (2010), a comunicação deve ser entendida como um acontecimento, em que dois seres participam e extraem dessa participação, algo novo, que não estava em nenhum deles, que altera o estatuto anterior de ambos, e que faz surgir uma terceira coisa que não existia antes. É disso que resulta o processo de pura relação: a possibilidade de um devir, do “algo que vem”, defendido por Agamben, que leva os participantes a um terceiro ser.

A comunicação não é ontológica no sentido de não ser algo estável, fixo, consistente; nela nada se transfere, ela não é “uma coisa”, menos ainda uma coisa única que como vai, assim é recebida. Por isso, “não sendo

---

<sup>15</sup> Escritor francês.

nada”, ela não pode encerrar nenhuma verdade, não pode ser “traduzida” (MARCONDES, FILHO, 2010, p. 15).

Ciro Marcondes Filho sustenta, a partir disso, que a comunicação é efetivamente interação, relação, pois é daí que surge algo verdadeiramente novo. A proposta do autor caminha de mãos dadas com as perspectivas comunitaristas, em que a possibilidade da existência como abertura, como pura experiência – presente no aspecto filosófico sobre comunidade – também está contida no relacionar-se, na vinculação. Essa notória convergência entre os termos, comunicação e comunidade, uni a tal ponto seus fundamentos, que provoca entre elas uma relação de interdependência. Jean-Luc Nancy já dizia que em termos de comunidade:

En lugar de tal *comunió*n, hay comunicaci3n: vale decir, muy precisamante, la misma no *es* nada, no es un fondo, ni una esencia, ni una sustancia. Sino que parece, se presenta, se expone, y as3 *existe* en tanto que comunicaci3n. (JEAN-LUC NANCY, 2000 p. 39).

A proposta de Nancy de que na comunidade a comunica3o se efetiva, ganha sentido quando se entende que o que impele a rela3o com um outro, e a conseqente perda de si mesmo – o que pressup3e uma total liberdade do acontecimento, e a exist3ncia da pura experi3ncia – 3 a for3a atrativa do v3nculo. 3 dessa forma que 3 poss3vel inferir o v3nculo comunit3rio como um objeto da comunica3o (YAMAMOTO, 2009).

Dentro deste quadro anal3tico, pode-se supor que essa for3a atrativa que impulsiona os indiv3duos a uma rela3o, a uma vincula3o comunit3ria, parta de um plano sens3vel, isto 3, de uma dimens3o mais pr3xima do afeto, como prop3e Muniz Sodré (2006), do que de uma motiva3o de cunho mais sociol3gico.

3 f3cil localizar essa for3a vinculativa, quando h3 a valoriza3o de uma comunica3o que aproxime mais os indiv3duos, e que seja entendida, antes, como uma rela3o. N3o por outro motivo, o fil3sofo Gianni Vattimo, invoca a ideia de uma comunica3o “afetiva, mantida por um acordo de gostos em torno do problema da partilha coletiva de vozes e sensa33es” (SODR3, 2006, p. 16). Assim, sob a mesma linha de racioc3nio de Vattimo, Muniz Sodré infere:

Por meio do afeto, divisa-se uma teoria compreensiva da comunica3o, presumidamente capaz de trazer mais luz ou hip3teses mais fecundas sobre transforma3o das identidades coletivas, as modula33es da pol3tica e as ambival3ncias do pluralismo cultural ou no 3mbito da globaliza3o contempor3nea (SODR3, 2006, p.70).

## Considerações finais

O diálogo entre os termos, comunicação e comunidade, ainda deverá se prolongar por um caminho teórico muito longo. Porém, alguns passos já estão sendo dados em direção à perspectiva de entrelaçar alguns dos seus principais fundamentos: o vínculo comunitário, que pressupõe uma relação aberta à pura experiência, e a possibilidade de convivência entre os indivíduos, como uma nova forma de atuação no mundo globalizado.

E foi exatamente essa a proposta desse artigo. Refletir sobre como a possibilidade comunitária pode transformar os processos de produção da comunicação, e como isso resultaria em uma nova configuração da realidade social.

Se traçarmos duas linhas comparativas, uma que represente uma maior aproximação humana, a convivência, e a mobilização social, e uma outra que demonstre o avanço das facilidades comunicacionais, a partir do desenvolvimento tecnológico, será revelado o resultado de que as duas seguiriam caminhos diferentes, quase opostos.

Isso porque o desenvolvimento da tecnologia, atrelada a uma estrutura social sob as asas do sistema capitalista, apesar de ter trazido importantes contribuições, como, dentre outras coisas, a possibilidade de acesso à informação e conhecimento, vem servindo em maior grau, ao capital mercadológico e como um poderoso mecanismo de controle social, ao promover o afastamento dos indivíduos uns dos outros, e sua conseqüente desmobilização.

E não é apenas a tecnologia e a evolução dos seus aparatos que servem a essa lógica, a linguagem e os discursos da mídia também trabalham em favor desses interesses, veiculando conteúdos esvaziados de sentido crítico, porém cheios de carga emotiva. Tal discurso, encoberto pelo brilhantismo ofuscante das imagens, (o discurso do espetáculo) promove tão forte domínio sobre o psiquismo humano, capaz de os privar da sua própria subjetividade.

Se toda experiência é mediada por espetáculo, cuja produção está fora do alcance da experiência mesma, e se o espetáculo “desacostuma as pessoas da subjetividade”, elas estão totalmente à mercê dele. É só por isso que a indústria cultural pode maltratar com tanto sucesso a individualidade, porque nela sempre se reproduziu a fragilidade da sociedade (BUCCI e KEHL, 2004, p. 52).

Assim, foi na tentativa de pensar propostas de desvencilhamento do controle econômico sobre a mente humana, que este trabalho trouxe a reflexão sobre a importância dos estudos de comunidade para a promoção de uma comunicação mais humana, capaz de

tirar os indivíduos desse “transe midiático” e trazê-los para mais próximo de suas realidades, além de pô-los frente a frente uns aos outros, e fortalecer suas ações sociais.

Para tanto, entendemos que o mergulho sobre as formas comunitárias seja importante para as pesquisas em comunicação, porque, da mesma forma como o sistema compreendeu que é na dimensão sensível onde se demonstra mais eficiente o controle das ações humanas, as atuais noções de comunidade também resgataram esse poder do sensível, porém, para atingir um objetivo inverso àquele, o da libertação dos indivíduos.

A partir do momento que se coloca os indivíduos em relação, através de um vínculo comunitário, abre-se a oportunidade para se criar uma nova possibilidade de existência baseada nas experiências e demandas coletivas. Afinal, a experiência comunitária é “puro devir”, ou seja, é uma outra realidade que não esta na qual estamos imersos.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2010.

NANCY, Jean-Luc. **La Comunidad Inoperante**. Santiago de Chile: Escuela de Filosofía Universidad ARCIS, 2000.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias Sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sobre a epistème comunicacional**. In. Revista Matrizes, nº 1, outubro 2007

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. **O vínculo comunitário**. [trabalho apresentado no Intercom – 2009]. Rio de Janeiro: XIV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 2009.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulinas, 2010